

CAMILO CASTELO BRANCO

EUSÉBIO MACÁRIO

—

A C O R J A



**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

☞ JÁ PUBLICADOS ☞

Amor de Perdição

O Regicida

O Demónio do Ouro

A Sereia

Memórias do Cárcere

Novelas do Minho

O Morgado de Fafe

Coração, Cabeça e Estômago



CAMILO CASTELO BRANCO  
EUSÉBIO MACÁRIO

—  
A C Ō R J A



Edição de Ângela Correia,  
Patrícia Franco e Mafalda Pereira

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

LISBOA - 2021

Imprensa Nacional  
é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.  
Av. de António José de Almeida  
1000-042 Lisboa

[www.imprensanacional.pt](http://www.imprensanacional.pt)  
[www.incm.pt](http://www.incm.pt)  
[www.facebook.com/ImprensaNacional](https://www.facebook.com/ImprensaNacional)  
[editorial.apoiocliente@incm.pt](mailto:editorial.apoiocliente@incm.pt)

Design da coleção: Undo  
Paginação e capa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda  
Impressão: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Papéis: Chromocard, 260 g, e Coral Book Ivory, 90 g  
Tipos de letra: Znikomit e Minion Pro

1.ª edição: março de 2021  
ISBN: 978-972-27-2885-0  
Depósito legal: 474 871/20  
Edição n.º 1024452

CAMILLO CASTELLO BRANCO

# SENTIMENTALISMO E HISTÓRIA

SEGUNDA EDIÇÃO REVISTA PELO AUTOR

LIVRARIA INTERNACIONAL  
DE  
ERNESTO CHARDRON — EDITOR

PORTO E BRAGA  
M. DCCC. LXXX.

# EUSÉBIO MACÁRIO

HISTÓRIA NATURAL E SOCIAL DUMA FAMÍLIA  
NO TEMPO DOS CABRAIS

## PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

São duas frases de entranhada gratidão a alguns críticos bons, delicados que inutilizaram os períodos percucientes, os punhais das ironias com que tencionavam trespassar do peito às costas o EUSÉBIO MACÁRIO, tão sinistramente agourado. Esta reconsideração, já agora, é uma virtude que daria santos à legenda áurea dos literatos, se elesoubessem no céu, onde há tantos, beatificados por fomes de trufas e sedes de *Lacryma-Christi* — que importa o mesmo dizer fomes e sedes de justiça. O tímido autor esperava que os artistas não refugassem a obra tracejada, e afirmassem que eu, nesta decrepidez em que faço ao estilo o que os meus coevos de juventude fazem ao bigode, não podia penetrar com olho moderno os processos do naturalismo no romance. Ora a cousa em si era tão fácil que até eu a fiz, e tão vaidoso fiquei do EUSÉBIO MACÁRIO que o reputo o mais banal, mais oco e mais insignificante romance que ainda alinhabei para as fancarias da literatura de pacotilha. Se eu o não escrevesse dum jato, e sem intermissões de reflexão, carpir-me-ia do tempo malbaratado.

Cumpre-me declarar que eu não intentei ridiculizar a escola realista. Quando apareceram o CRIME DO PADRE AMARO, o PRIMO BASÍLIO e os romances de Teixeira de Queiroz, admirei-os, e escrevi ingenuamente o testemunho da minha admiração. Creio que, hoje em dia, novela escrita doutro feitio não vinga. Eu não conhecia Zola e ainda agora apenas e escassamente o conheço de o ouvir apreciar

Havia na botica um relógio de parede, nacional, datado em 1781, feito de grandes toros de carvalho e muita ferraria. Os pesos, quando subiam, rangiam<sup>5</sup> o estridor de um picar de amarras das velhas naus. Dava-se-lhe corda como quem tira um balde da cisterna. Por debaixo da triplicada cornija do mostrador havia uma medalha com uma dama cor de laranja, vestida de vermelhão, decotada, com uma romeira e uma pescoceira crassa e grossa de vaca barrosã, penteada à Pompadour, com uma réstia de pedras brancas a enastrar-lhe as tranças. Cada olho era maior que a boca, dum vermelho de ginja. Ela tinha a mão esquerda escorrida no regaço, com os dedos engelhados e aduncos como um pé de perua morta; o braço direito estava no ar, hirto, com um ramalho de flores que parecia uma vassoura de hidrângeas.<sup>6</sup> Este relógio badalara três horas que soaram ríspidas como as pancadas vibrantes, cavas, das caldeiras da Hécate de Shakespeare.

O farmacêutico Eusébio Macário sentara-se espapado, com as carnes desfalecidas, à porta, num largo mocho de cerdeira com assento de junco roto, espipado, com uns esbeçamentos de palhiça muito amarelada do atrito. Havia grande calor enervante. O sol punha nas paredes clareiras faiscentes, cruas. Moscas zumbiam com asas lampejantes em giros idiotas; gatos agachados como velhos sicários pinchavam com muitas perfídias à caça dos pássaros nas densas verduras desbotadas dos arvoredos; carros chiavam nas



terras baixas, barrentas, com grandes gretas das calcinações do grande sol; os lentos bois nostálgicos vergastavam<sup>7</sup> com as caudas ásperas os moscardos que os atacavam dentre os tapumes com grandes sedes impetuosas de frescores de sangue. Havia molezas e estonteamentos abafadiços no ar cheio de sensualidades mordentes. Levandiscas esvoaçavam nas orelas húmidas dos regatos muito garbosas, com pipilações joviais; besouros azuis de tons metálicos luzentes rodopiavam em volteios curtos e muito sonoros; pardais abandados infestavam as painçadas, dando pios hilariantes de bandidos canalhas; cerejas bicais vermelhavam as suas provocações sorridentes como beijos rubros de mulheres vitalizadas de lascívias aquecidas de bom sangue; pêssegos abeberados de sucos doces penujavam; varas de porcos com grunhidos regalados esfoçavam nas esterqueiras, banhando-se com grandes espalhafatos como odaliscas epiléticas de volúpias escandecidas; raparigas esguedelhadas, de narizes arrebitados, com as caras fuliginosas de suor e poeira, muito escaneladas, com olhos espantadiços, de secreções amarelas, saias de estopa suja, frangalhona, a trapejar nos canelos esburgados, guardavam bácoros, e davam gritos dum timbre muito agudo que punham ecos nas colinas batidas do largo sol; galinhas cacarejavam; galos de cristas escarlates e recortadas arrastavam a asa com arremetidas parlapatonas de sultões. A natureza estava cheia de mistérios amorosos e duma grande espiritualização sensual.

Eusébio Macário ofegava, enxugava com o lenço de Alcobaça, pulverulento de meio-grosso em pastas esmoncadas, as roscas do pescoço que porejavam as exsudações da carne opilada dum farto jantar. Ele tinha feito anos neste dia e enchera-se de capão com arroz açafroado e de muito vinho d'Amarante, com muita aletria engrossada de ovos e letras de canela.

— Que não queria saber de histórias — pensava; — que a vida eram dous dias; que quem cá ficasse que o ganhasse.

E dava arrotos muito cheios de gases e estrondos.

A filha, a Custódia, era uma rapariga pimpona, de muito seio e braços grossos, roliços, com pregas de carnação mole nos cotovelos

e uma penugem de frutas mimosas que lhe punha umas tonalidades cupidíneas, irritantes. Ela andava cheia de desejos animais; queria feiras e romarias com bailados de saracoteios desnalgados, pelintras; pedia socas de ponteira de verniz marchetadas de amarelo, com palmilhas dum escarlate de carne viva, e casibeques sarapantões de listras rubras e amarelas; lavava as pernas, brancas como pedaços de marfim polido das velhas imagens e maciezas cetinosas, nos riachos, com grande desfaçatez e presunção; boleava-se num quebrar de quadris reles de servilheta; tinha cheiros de mulher suspeita com grandes lampejos crus de óleo de amêndoas doces nos cabelos em bandós e muitos ardores.

— Que queria a bela pândega — dizia; — que estava na flor da mocidade. Pudera! que a sua mãe não fazia outra. Pois não fizeste! que o gozar era agora; que depois de velha, contas e borracha. — E escancarava umas risadas vibrantes, sandias, sapateando com as mãos cheias de missangas, e fazendo trejeitos brejeiros, garotices, dando palmadas sonoras no ventre. Tal era ela.

O filho de Macário, o José Fístula, era caçador e fadista de tabernas sertanejas. Tinha andado para padre, e esbanjara a herança materna em Braga, em orgias de frigideiras e na boémia das Travesas, onde mulheres de saias engomadas que rugem, esfervilham, de penteados altos, untados, com muita caspa e fitas azuis, e arrastam chinelos de ligas, com os calcanhares de fora a esbeaçarem, com clavículas esqueléticas mordidas das herpes e dos vampiros das noites vinolentas, cheias de delírios devassos e indigestões de iscas de cebolada. Ele tornara para o pai com grande humildade faminta, de lázaro maltrapilho, com a camisa roída de imundície e a cara chupada de deboches e bebedeiras.

— Que se faria ladrão d’estrada — ameaçava — se o pai o não sustentasse; que estava pronto a labutar na botica, pisando drogas no almofariz, e iria às ervas para os xaropes, que as conhecia muito bem. Pois não conhecia? Havia de ler a FARMACOPEIA do doutor Agostinho Albano,<sup>8</sup> e até — resumia — tinha tineta para boticário.

E o pai:

— Pra burro, pra burro é que a tens! — resmungava apoplético de cóleras, crescendo para ele, inflamado como um vulcão explosivo, com a cara biliosa, e muitas palavras de abominação e trejeitos de pai turbulento de comédia palhaça.

Depois, o Fístula portou-se bem, laborioso, inteligente. Ia à colheita das ervas na estação própria, e fazia manipulações, aviava receitas com limpeza, assobiando fados cheios de saudades das Travessas e dos seus condiscípulos malandros. Conhecia as flores do urgebão, em espigas filiformes, roxas, de sabor amargo, boas para cataplasmas com gemas d'ovos nas intumescências do fígado; as urtigas, sedosas, cheias de tubérculos que espirram à epiderme um líquido cáustico, e que bem espremidas dão um suco muito medicinal na brotoeja; a alfavaca sudorífera; a arruda, muito oleosa, dum odor acre, muito usada em infusão pelas mulheres opiladas, amarelas, congestionadas, histéricas, com grande peso nas virilhas e zumbidos nas orelhas;<sup>9</sup> a parietária vermelha, empubescida, acre, nitrosa, muito diurética; a malva emoliente, estimável em gargarejos e clisteres e nos semicúpios refrigerantes; o verbasco que frutifica umas cápsulas biloculares muito peitorais; a bardana dos monturos, de raiz fusiforme, tónica, sudorífera, antídoto das herpes; a salva, de flor violácea, aromática, muito provada nas esquinências, gargarejada com um golpe de mel;<sup>10</sup> os grãos do funcho estriados, cilíndricos, famosos nas cólicas; a erva-cidreira, de aroma citrino, excitante, digestiva e antiespasmódica; a erva-moura que é narcótica; a hortelã vermelha, eficaz contra o reumatismo e nos narizes tapados por fluxões crassas; a mostarda, *sinapis nigra*, a do sinapismo, o divino sinapismo derivativo, revulsivo, que puxa às pernas o *morbus* do cérebro, dos olhos, da garganta; as bagas dos murtinhos para lavagem de impigens, cozidas, e feitas em pó muito antipútridas, contra chagas canceradas, crónicas; a tília para os chás das velhas que impam e arrotam com grandes borborrismos de gases, e dizem que têm flato. Conhecia todas as ervas e arbustos que secava em tabuleiros, na eira. E os porcos às vezes

foçavam nas ervas e raízes, misturando-as: mas ele, com o fino sentimento moderno eclético em terapêutica, colhia do sequeiro as plantas às manadas e atirava com elas às gavetas que tinham rótulos grudados, fonéticos em ortografia. Ele também manipulava o unguento de basilicão, derretendo o pez no azeite e na cera; e, quando o mexia no gral, zangava-se, dando ao diabo a farmácia, ou cantava fados com um grande azedume mefistofélico. Fazia ceroto de espermaceti, com que se curam os cáusticos e as queimaduras; e o unguento de Genoveva e o da Madre Tecla, muito bom para amadurecer abcessos com o seu litargírio, e sebo de carneiro; não lhe punha a manteiga da fórmula, porque preferia comê-la com pão trigo. Havia grande provisão em potes de unguento da Madre Tecla, receita que lhe ensinara o brasileiro da Casa Grande, muito atreito a furúnculos nas costas e na região sob e sobre; tinha de sua lavra muitos frascos de pomada mercurial de que ele gastava um terço no seu consumo próprio, pessoal; enquanto o pai e o abade, inveterados nas hemorroidas, lhe gastavam em breves prazos o unguento de populeão em unturas, de cócaras. José Macário, o Fístula, trabalhava, regenerava-se.

Eusébio descansava contente no rapaz; tinha-se amolecido, chamava-o ao quarto e bebiam ambos uma garrafa da Companhia, muito manos; e, às vezes, o Fístula tocava-lhe um fado que punha tremuras<sup>11</sup> involuntárias nas nádegas do pai; ao mesmo tempo a Custódia, lá dentro na cozinha, sacudida pelos bordões gementes da viola, fazia saracotes de quadris, batendo o pé à frente na atitude marafona de quem apara nos rijos fados batidos. Ela tinha no sangue um ardor de extravagâncias, uma herança viciosa de sua mãe, a Canelas, que dançava fandangos desonestos, e conhecia o *choradinho* de convivências suspeitas com o cirurgião, um romântico magro, da escola moderna, que o boticário espancara por motivos honrados.

Eusébio tinha gamão e damas; sabia fazer ladroeiras com os dados; jogava a pataco a partida, e dizia muitos anexins obrigatórios. O parceiro era o abade, um patusco, com chalaça, egresso

## ÍNDICE

13	NOTA PREAMBULAR
17	ADVERTÊNCIA
19	DEDICATÓRIA
21	EUSÉBIO MACÁRIO
23	I
35	II
43	III
51	IV
63	V
71	VI
81	VII
91	VIII
97	IX
107	X
119	XI
125	A CORJA
129	I
137	II
145	III
153	IV
161	V
169	VI
177	VII
185	VIII
191	IX
199	X
207	XI
213	XII

219	XIII
227	XIV
237	XV
245	XVI
253	XVII
261	NOTA EDITORIAL
293	BIBLIOGRAFIA
295	APARATO CRÍTICO



*Eusébio Macário*: Primeiro dos «romances facetos», livro povoado por gente sem brios, porém castigando-a menos do que as veleidades moralizadoras da literatura. Quanto a brios, persistem, e é muitíssimo, os da comédia feroz.

*A Corja*: Segunda arremetida da ferocidade de *Eusébio Macário*, e o último da «interminável» série dos «romances facetos»: regressam as croias e os patifes, comendadores e barões, muitos brasileiros, mas o relevo é todo das mulheres, certas mulheres, Custódia, Felícia, a Eugénia Troncha...

Abel Barros Baptista

edição crítica  
CAMILLO  
CASTELO  
BRANCO

ISBN 978-972-27-2885-0  
  
9 789722 728850